

## A LEITURA NO PROEJA: ESPAÇOS, OBJETOS E MODOS DE LER<sup>36</sup>

Adailton Costa de Souza (CEPROEJA/IFBaiano)  
[adailton.2009@bol.com.br](mailto:adailton.2009@bol.com.br)

### *1. Considerações iniciais*

O PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – é uma iniciativa do Ministério da Educação, que vem permitindo, nas redes federal, estaduais e municipais, a implantação de cursos profissionais – na modalidade integrada, concomitante e subsequente – para jovens e adultos oriundos da EJA que se encontram em defasagem idade/série. Com isso, o Ministério da Educação do Brasil busca ofertar a esses estudantes a oportunidade de superar o atraso no processo de escolarização e, ao mesmo tempo, se qualificar para uma atividade profissional dentro de uma perspectiva educacional humanista.

O Documento Base desse programa (SETEC/MEC, 2006) assegura que essa iniciativa – o PROEJA – se insere num esforço conjunto da sociedade e do governo, para construir uma política de educação profissional e tecnológica, capaz de assegurar educação pública, gratuita e de qualidade aos jovens e adultos que, por muito tempo, foram excluídos do processo educacional, garantindo-lhes, por meio de uma educação de qualidade, a inserção nos processos produtivos da sociedade e, ao mesmo tempo, a participação nos processos decisórios do país, por meio do exercício pleno da cidadania.

Nesses termos, embora esse documento não delimite, explicitamente, uma concepção de leitura a ser trabalhada no âmbito do PROEJA, inferimos que, pelas proposições referentes à educação apresentadas e pelas críticas aos moldes tradicionais de ensino da leitura e escrita, esse programa também pressupunha um trabalho com a leitura voltada para o

---

<sup>36</sup> Este artigo sintetiza algumas das conclusões a que chegamos por meio do desenvolvimento de trabalho monográfico intitulado *Os professores do PROEJA do IF Baiano, campus Senhor do Bonfim: concepções e abordagens da leitura*, um dos requisitos para a conclusão do Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (CEPROEJA), promovido pelo IF Baiano, campus Senhor do Bonfim, em parceria com o Instituto Federal da Bahia (IFBA). O referido trabalho monográfico teve como orientador o professor Osvaldo Barreto Oliveira Júnior.

sociointeracionismo da linguagem, por meio do qual o ensino das habilidades de leitura deva se pautar nas experiências de vida dos discentes e nas possibilidades de interação social que a prática da leitura nos oportuniza.

Assim, defendemos neste artigo que, no âmbito do PROEJA, os espaços, os objetos e os modos de ler devem ser planejados e/ou acionados para permitir que os estudantes possam interagir socialmente por meio da leitura e, de forma concomitante, suscitar-lhes aprendizagens no tocante às habilidades de leitura, das mais simples às mais complexas. Com isso, acreditamos que o público do PROEJA não seja educado apenas para suprir às necessidades de mão de obra de um mercado de trabalho que exige a qualificação rápida para uma sociedade em desenvolvimento, mas também a formação humana integral, respaldada em princípios éticos, políticos e epistemológicos que capacitem o sujeito para agir, de forma crítico-constructiva, no meio em que vive.

Para isso, o professor do PROEJA deve atuar de modo a oportunizar aos alunos experiências leitoras com diversas finalidades sociais: sejam elas voltadas para fins utilitários, relacionados às necessidades da vida cotidiana, como ler e compreender anúncios, listas, bulas de remédio, instruções de um equipamento, letreiros de ônibus, instruções de um caixa eletrônico etc.; sejam elas relacionadas a processos cognitivos mais complexos, como a leitura de textos argumentativos, jornalísticos ou científicos, para se inteirar dos processos políticos e da produção do conhecimento na sociedade contemporânea; ou até mesmo por questões de apreciação artística, de apreciação de outros modelos de mundo, como a leitura de um texto literário, a apreciação crítica de uma peça de teatro, de uma música ou de um filme.

Nessa perspectiva, defendemos que, também no âmbito do PROEJA, os processos de ensino e aprendizagem da leitura edifiquem experiências voltadas para o caráter dinâmico e dialógico da língua. Por essa razão, é preciso que o professor conheça as bases filosóficas e epistemológicas do sociointeracionismo da linguagem, que foram estabelecidas, sobretudo, por Mikhail Bakhtin (2006), para que possa municiar-se de metodologias e estratégias de ensino capazes de assegurar a consecução de práticas valorativas da interação verbal por meio do texto escrito, visando ao sucesso do processo de ensino e aprendizagem da leitura, de suas respectivas habilidades, no âmbito do PROEJA.

A fim de consubstanciar nossas intenções, apresentamos nesse artigo algumas das discussões presentes no trabalho monográfico intitulado *Os docentes do PROEJA no IF Baiano, Campus Senhor do Bonfim: concepções e abordagens da leitura*, que foi desenvolvido como requisito para a obtenção do título de especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos – CEPROEJA, uma iniciativa do Instituto Federal da Bahia em parceria com o Instituto Federal Baiano, *Campus Senhor do Bonfim*. Por meio desse trabalho, desenvolvemos pesquisa, a fim de evidenciar com que concepções e abordagens de leitura os professores supracitados trabalham, e se essas são coerentes com a proposta do documento base do PROEJA.

## **2. A leitura no proeja: fundamentos e propostas**

Rildo Cosson (2006) defende que a leitura permite-nos interagir socialmente, através do acionamento das diversas linguagens que circulam socialmente; por isso, é uma atividade dinâmica, desenvolvida para fins de comunicação social. Nessa conjuntura, não se resume à decodificação de signos, mas, sobretudo, à compreensão crítica dos diversos sentidos que convergem em um mesmo produto de linguagem.

Vale ressaltar também que, sob a ótica da linguística textual, o sentido de um texto não está dado, pronto, acabado; pois é na interação mediada pela leitura que os interlocutores – sujeitos sociais ativos, inseridos numa rede de significações compartilhadas na dinâmica da vida social – atribuem significações aos produtos da linguagem. Nessa lógica, os sentidos são aflorados no momento da leitura, no instante em que seres concretos acionam o texto para interagir socialmente.

Considerada enquanto processo dinâmico e contínuo, pois se modifica e desenvolve constantemente, a leitura pode se efetivar por meio de níveis mais elementares, ou mais complexos, e evoluir, a depender do contato constante com os diferentes gêneros textuais, com as diversas situações vivenciadas cotidianamente, e também, por meio de estímulos oferecidos pelo professor ou por um leitor experiente que possa contribuir para melhorá-la.

Sendo assim, para que a escola contribua para formar bons leitores que ultrapassem os limites da decodificação e consigam compreender e atribuir sentido aquilo que leem, ou seja, suscitar leitores que sejam capazes de relacionar a leitura da escola com a leitura do mundo, faz-se ne-

cessária a realização de intervenções conscientes e planejadas, por meio de profissionais habilitados que tenham clareza ao conduzir o processo de ensino-aprendizagem de forma dinâmica e contextualizada, aproveitando bem a diversidade textual presente no espaço escolar, estabelecendo a relação desta com as situações significativas vivenciadas no cotidiano dos educandos, para que, dessa forma, eles sejam motivados e despertem o prazer pela leitura.

Esse tipo de tratamento pedagógico da leitura é importante, pois ela nos permite avançar no conhecimento e, assim, amplia nossa visão de mundo. Por essa razão, a escola deve voltar-se para a formação de sujeitos leitores, críticos e conscientes das especificidades do ato de ler, a fim de que, os estudantes reconheçam na leitura uma atividade bastante eficaz de interação e de apropriação do conhecimento acumulado pela humanidade. Nessa lógica, ler assume contornos de interação, diálogo e aprendizagem constantes.

Leitura e informação constituem um imbricado jogo em que o conhecimento se processa, de forma contínua e dinâmica, já que, por meio da leitura, o leitor exercita as competências da observação, da inteligência, da análise, da reflexão, da compreensão e da interpretação, inserindo-se num movimento crescente de produção de saberes. Sobre esse aspecto do ato de ler, convém acionarmos as palavras de Irandé Antunes (2009, p. 196):

[...] a leitura, na sua perspectiva informativa, exerce o grande papel de favorecer a ampliação e o aprofundamento de nossos conhecimentos, a competência para a observação, a análise, a reflexão acerca das certezas ou das hipóteses que vamos construindo. É a lenha com que alimentamos o fogo de nossas buscas.

Vista nessa perspectiva, a leitura proporciona maior possibilidade de crescimento pessoal e profissional, pois dá acesso a uma diversidade de informações relevantes que ampliam o nível de conhecimento e as experiências já adquiridas, permitindo uma reflexão crítica sobre questões diversas, que envolvem a coletividade e auxiliam o leitor a interagir socialmente, através da constituição de uma rede de sentidos compartilhada socialmente. Por essa razão, alguns estudiosos afirmam que a leitura é uma maneira eficaz de interagir, para produzir conhecimentos.

É nessa perspectiva que inserimos nossas proposições acerca da leitura no PROEJA, pois, se desejamos garantir o acesso de jovens estudantes a uma educação de qualidade, consubstanciada mediante a integração da educação profissional à educação básica, temos que pensar na

leitura como processo dinâmico de construção de sentidos, que leve em conta as experiências de vida, os conhecimentos de mundo e enciclopédico do sujeito leitor, bem como suas leituras prévias, suas intenções e necessidades.

Dessa forma, cabe à escola e, por conseguinte, ao professor planejar e executar meios para possibilitar aos estudantes dessa modalidade de educação uma aprendizagem da leitura que os leve ao sucesso na escola, nas relações sociais e na vida profissional. Para isso, é preciso romper com as tradicionais formas de ensino da leitura na escola, geralmente asentadas em protocolos de leitura, que não valorizam a polissemia do texto, ou em “meros” processos de decodificação, que não ultrapassam a decifração dos signos. É preciso formar leitores críticos, competentes, conscientes da principal finalidade da linguagem humana e do processo de leitura: a interação social.

No âmbito do PROEJA, assim como em toda a educação básica, torna-se proeminente assumir posicionamentos teóricos e metodológicos que estimulem a prática constante da leitura, considerando as suas especificidades no que tange à interação social, como processo que pode ser prazeroso, através do qual o sujeito aciona uma rede de significados presentes no texto. É preciso também conceber a leitura como ação por meio da qual o sujeito pode suprir as suas necessidades de informação, de entretenimento, de conhecimento e de tomada de consciência sobre os processos que se desencadeiam nos meios sociais.

Nessa perspectiva, a leitura possui significados não apenas escolares, mas, sobretudo, de mediação social, porque se vincula às práticas de interação desenvolvidas pelos sujeitos na vida cotidiana; ou seja, visa a objetivos e a propósitos interativos, claros e diversificados. (ANTUNES, 2009). Assim, para assegurar que, na escola, a leitura receba um tratamento mais adequado com as suas funções sociais, talvez seja preciso, *a priori*, superar o tratamento “puramente escolar” da leitura, para abarcar, também, as necessidades que levam o sujeito a querer ler na vida cotidiana; ou seja, não se deve mais separar objetivos escolares dos objetivos ligados à vida prática na abordagem escolar da leitura.

A leitura assume, portanto, um propósito dialógico e comunicativo que vai muito além da realização de atividades escolares; aliás, se a prática da leitura se limitasse apenas a essa função, certamente não teria o poder transformador e libertador que possui, pois, além de textos “escolares”, a vida em sociedade exige-nos a leitura de gêneros textuais di-

versos: bilhetes, listas de compras, receitas, bulas de remédio, extratos bancários, manuais de instruções, contratos variados, campanhas publicitárias, filmes, reportagens, charges, discursos políticos etc. Todas essas práticas de leitura pressupõem, além da decodificação, a construção de efeitos de sentidos através da interpretação do posto, do pressuposto, da construção de inferências, da relação entre textos diversos, dentre outras habilidades.

Portanto, através do ato de ler, o sujeito leitor operacionaliza, a-ciona os saberes e conhecimentos já adquiridos para relacioná-los aos materializados no texto; ou seja, todo conhecimento de mundo que o leitor construiu em sua trajetória pessoal e profissional são fundamentais para que ele possa interpretar criticamente o texto lido, construindo sentidos que revelam um intenso diálogo com os saberes suscitados pelo texto, as ideias do autor, os conhecimentos de mundo e enciclopédico do leitor, bem como as relações entre o texto lido e outros que o leitor já conheça.

Diante do exposto, entendemos a leitura como um processo amplo e dinâmico, porque ultrapassa a decodificação mecânica, indo além da leitura da palavra, se estendendo à leitura do mundo (FREIRE, 2006). Além disso, o ato de ler envolve a interação entre os sujeitos (autor e leitor), permitindo que eles se relacionem e se comuniquem, sendo o texto um meio, não um fim em si mesmo. Além do mais, entendida dessa forma, a leitura possui uma função social, que tem, como uma de suas especificidades, atender às necessidades e exigências das pessoas que vivem em determinado momento histórico.

Nesses termos, é preciso reconhecer que a leitura também é um processo histórico e, como todo processo, ela é dinâmica e contínua. Sendo assim, a função desempenhada pela leitura no início da colonização do Brasil não foi a mesma exigida no período da industrialização desse país, e certamente não é a mesma exigida nos dias de hoje. Portanto, dentro da perspectiva sociointeracionista da linguagem, a leitura tem um significado real na vida do leitor e está intimamente relacionada com o desenvolvimento científico e tecnológico que envolve a contemporaneidade.

Em consequência da aplicação de métodos obsoletos, que compreendem o ensino da leitura apenas de forma mecânica, restrito a decodificar textos e memorizar informações, pouco interesse tem sido despertado nos estudantes com relação a essa prática, principalmente por aque-

les que fazem parte das classes menos favorecidas, que, em muitos casos, não têm acesso a materiais impressos em suas casas e, quando têm, não disponibilizam de orientação de familiares, pois muitos deles são analfabetos, restando à escola como um dos poucos espaços de incentivo a prática da leitura.

Para muitos alunos dos meios populares, além da inexistência de apoio à leitura em casa, devido à condição de analfabetismo de seus pais, o problema é que a escola, que deveria incentivar a leitura como atividade prazerosa, muitas vezes, utiliza essa prática como forma de punir os alunos: seja para chamar a atenção daqueles que são displicentes e não conseguem alcançar bons resultados, seja para repreender aqueles que apresentam comportamento indesejado. O fato é que, trabalhar a leitura como meio de punição causa bloqueio nos estudantes fazendo com que eles enxerguem esse importante recurso como atividade burocrática, desestimulante e sem utilidade para a vida.

Muitas vezes, o que dificulta o aprendizado da leitura é o fato de que a escola não prioriza essa atividade na realização de seus trabalhos, o que acaba limitando as habilidades leitoras dos estudantes. Por essa razão, é preciso assumir que “formar leitores, desenvolver competências em leitura e escrita é uma tarefa que a escola tem que priorizar e não apenas protelar”. (ANTUNES, 2009, p. 201). Isto é: a escola precisa dar maior ênfase ao trabalho com a leitura, pois, muitas vezes, ela não é assumida como prioridade da escola, servindo apenas como pretexto para trabalhar os conteúdos das disciplinas.

Urge, portanto, que a escola assuma as funções sociais da leitura, incentivando os estudantes a reconhecerem-na como atividade que, ao possibilitar a interação entre os interlocutores, suscita a construção de efeitos de sentidos propiciadores da produção de uma aprendizagem crítica e reflexiva. Além disso, os agentes escolares devem assumir, em suas práticas de leitura, um posicionamento sociointeracionista, através do qual o ato de ler envolve habilidades que vão além da decodificação do código (linguístico ou não), mas também a relação de saberes e habilidades diversificadas, em busca de sentidos coerentes com as condições sócio-históricas e culturais dos leitores.

### 3. *A leitura e os professores do proeja no if baiano*

A fim de investigar como os professores do IF Baiano, *Campus Senhor do Bonfim*, mais especificamente aqueles que atuam no PROEJA, concebem e trabalham a leitura em suas práticas docentes, realizamos, durante o desenvolvimento de nossa pesquisa do curso de especialização, entrevistas com cinco professores da turma do PROEJA 2010/2011, do Curso de Processamento de Carnes, Leite e Vegetais mediante a aplicação de um questionário aberto que continha quatro questões: 1. O que é leitura?; 2. Como você faz para trabalhar a leitura em sua disciplina?; 3. Você conhece a concepção de leitura presente no documento base do PROEJA? Qual é?; 4. Em sua opinião, de quem é a responsabilidade de trabalhar a leitura com os alunos?

Tomando como parâmetro as respostas obtidas por meio dessas questões, inferimos que, no universo pesquisado, os professores assumem um posicionamento sociointeracionista sobre a leitura, concebendo-a como atividade essencial para a promoção do sucesso escolar dos jovens e adultos estudantes dos meios populares. Dessa forma, acreditam que a leitura pode ser uma ação que, por meio da valorização do contexto histórico, social e cultural dos alunos, estimula a interação entre os indivíduos e consegue proporcionar a construção de conhecimentos significativos.

Esse posicionamento pode ser percebido nas repostas que obtivemos, quando perguntamos aos educadores sobre o que é leitura:

**Professor A:**

Leitura é mais que decifração do código, é atribuição de sentidos ao texto, conforme experiências de vida, conhecimentos prévios, etc.

**Professor B:**

Leitura é ação de ler e aprender o que foi lido, formando um conceito por si mesmo.

**Professor C:**

Para mim, a leitura significa que o indivíduo consegue ler e interpretar e também criticar a escrita.

Como vemos, de acordo com a resposta dos professores, a leitura está ligada às vivências das pessoas, suas experiências de vida adquiridas no contato com as diferentes situações cotidianas, possibilitando a interpretação do que está escrito, bem como da realidade circundante. Logo, a



leitura é muito mais que decodificar palavras ou memorizar símbolos gráficos mecanicamente, leitura é uma atividade social, comunicativa e carregada de significados para a vida das pessoas.

Os professores pesquisados revelam, portanto, que a leitura possibilita a interação entre os sujeitos (autor e leitor), favorecendo a comunicação dos envolvidos por meio da escrita, sendo o texto um meio, e não um fim em se mesmo. Admitem, por conseguinte, que a leitura possui funções sociais e que se vincula às necessidades de comunicação das pessoas; o que é o cerne do posicionamento sociointeracionista sobre a leitura.

Além de investigar qual a concepção de leitura dos professores pesquisados, buscamos identificar também como esses docentes abordam a leitura em suas aulas. Para isso, formulamos a seguinte questão: – Como você faz para trabalhar a leitura em sua disciplina? E obtivemos as seguintes respostas:

**Professor A:**

De acordo com a possibilidade de leitura na disciplina de matemática, trabalho textos referentes à mesma.

**Professor B:**

Sondo interesses e necessidades, promovo a leitura de textos literários e não literários, buscando despertar no aluno o interesse pela leitura e pela compreensão de implícitos, ambiguidades presentes no texto. Sempre reservo aula (tempo) para leitura.

**Professor C:**

Trago textos sobre assuntos, leitura e discussão, além de lançar questões sobre o texto base.

**Professor D:**

Trazendo textos para a sala de aula, motivando os alunos a desenvolverem suas capacidades de formar opinião própria.

**Professor E:**

Através de textos com base histórica.

Diante das respostas dadas, percebemos que os professores pesquisados conferem grande importância ao trabalho com textos em sala de aula, pois essa atividade ajuda a despertar o gosto pela leitura, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos educandos.

É importante salientar que o contato constante com a leitura melhora a compreensão e interpretação de textos de diferentes gêneros, pois amplia os conhecimentos de mundo que a pessoa já possui, auxiliando no desenvolvimento das competências necessárias para que leitor e autor dialoguem continuamente, sendo que, nesse processo, o sujeito leitor adquire maior autonomia para construir sua própria opinião diante das intenções explícitas e implícitas nas entrelinhas do texto.

Quando perguntamos aos professores, se eles conheciam a concepção de leitura do documento base do PROEJA, evidenciamos as seguintes situações:

**Professor A:**

Sim, a leitura deve ocorrer de forma transversal.

**Professor B:**

Penso que sim. A leitura é vista como componente curricular transversal e pode favorecer aos professores das mais diversas disciplinas a contribuir para a formação integral do aluno (SUJEITO) para compreender a si mesmo e ao mundo a sua volta; para esclarecer plenamente sua cidadania, para produzir conhecimento.

Já os professores C, D e E, afirmaram que não conhecem a concepção de leitura do Documento Base do PROEJA.

Conforme afirmaram os professores A e B, a concepção de leitura presente no Documento Base do PROEJA apresenta-se de forma transversal e interdisciplinar, envolvendo uma variedade textual bastante significativa para o desenvolvimento da capacidade de compreensão e interpretação do aluno, a fim de que possa ter acesso a uma formação ampla. Dessa forma, para que o aluno alcance o pleno desenvolvimento, enquanto leitor interativo faz-se necessário o comprometimento de todos os educadores em trabalhar a leitura de forma contextualizada nas disciplinas que ministram não deixando essa responsabilidade apenas para o professor de língua portuguesa, pois “Todo professor, de qualquer disciplina, é um leitor e, para sua atividade de ensino, depende, necessariamente, do convívio com textos dos mais diversos.” (ANTUNES, 2009, p. 187).

Ainda em relação à concepção de leitura do Documento Base do PROEJA compreendemos que a mesma está embasada no sociointeracionismo, teoria que objetiva promover a interação entre as pessoas através do diálogo constante com os diferentes sujeitos, presentes nos múltiplos

plos espaços sociais. Sendo assim, essa concepção, entende o educando como sujeito ativo no processo de construção do seu próprio conhecimento, o que contribui para uma formação crítica e reflexiva, comprometida com o desenvolvimento integral do ser humano.

Com relação às respostas dos professores C, D e E, que afirmaram não conhecer a concepção de leitura do Documento Base do PROEJA entendemos que o desconhecimento dessa concepção pode fragilizar o trabalho de leitura proposto no referido documento, uma vez que para a realização consciente de qualquer trabalho é necessário que se tenha conhecimento teórico e prático sobre o que está sendo proposto, sendo que com a leitura não pode ser diferente.

Por outro lado, embora três dos professores pesquisados afirmem não conhecer a concepção de leitura do Documento Base do PROEJA percebemos que eles compreendem a importância do trabalho com o texto, como instrumento significativo para o desenvolvimento das capacidades cognitivas dos seus alunos, uma vez que, as discussões em sala de aula melhoram a autonomia dos educandos, ajudando-os na compreensão das questões complexas que surgem nos diversos espaços sociais. Podemos confirmar isso nas falas desses professores:

**Professor C:**

Trago textos sobre assuntos, leitura e discussão, além de lançar questões sobre o texto base.

**Professor D:**

Trazendo textos para a sala de aula, motivando os alunos a desenvolverem suas capacidades de formar opinião própria.

**Professor E:**

Através de textos com base histórica.

Ao perguntarmos aos professores de quem é a responsabilidade de trabalhar a leitura com os alunos, eles responderam que é de todos os envolvidos no processo educativo de formação do cidadão: dos professores em todas as disciplinas, da escola, da família e da sociedade em geral.

Podemos observar que os professores pesquisados concordam plenamente que trabalhar a leitura com os alunos é responsabilidade de todos os educadores que compõem a escola, e não apenas do professor de língua portuguesa. Vejamos o que disseram a esse respeito dois dos cinco professores pesquisados:

### **Professor B:**

É da escola, enquanto cidadão é da família, sociedade e escola. Mas como “aluno” é da família e da escola, e não apenas do professor de linguagem, mas de todo o conjunto de professores e demais que participam do processo educativo.

### **Professor E:**

De todos os professores, e não somente do professor de língua portuguesa.

Pelo exposto, parece-nos claro que, na comunidade escolar pesquisada, sobretudo entre aqueles que trabalham no PROEJA, a leitura é concebida como atividade essencial ao desempenho escolar dos estudantes e que, por isso, deve ser abordada por todas as disciplinas do currículo, de forma integrada, interdisciplinar e transversal. Evidenciamos, portanto, que, para esses professores, ler é muito mais que decodificação, é interação, é processo através do qual o sujeito dialoga com os saberes construídos, armazenados e (vivenciados) dialogados por todos os sujeitos que se encontram inseridos numa rede de comunicação social.

## **4. Considerações finais**

Este trabalho buscou discutir a leitura como processo de interação social, que objetiva promover o diálogo entre autor e leitor, tendo o texto como um veículo de comunicação, repleto de significados para a vida, pois relaciona a linguagem, as informações e as experiências trazidas pelo autor com as vivências particulares do leitor. Portanto, de acordo com essa perspectiva, a leitura consiste em um processo dinâmico e prazeroso, em que o texto deixa de ter um fim em si mesmo e passa ser um meio de interação social.

Evidenciamos, nesse artigo, a importância de se trabalhar a leitura de forma interativa com os alunos do PROEJA, pois esse público precisa de uma educação que priorize as suas reais necessidades e garanta uma formação humana integral, respaldada em princípios éticos, políticos e epistemológicos que capacitem o sujeito para agir, de forma crítico-construtiva, no meio em que vive.

Ressaltamos a importância do papel da escola e do professor na articulação e execução de meios que possibilitem aos jovens e adultos do PROEJA, uma aprendizagem da leitura que os levem ao pleno desenvolvimento do ser, rompendo com o tradicional ensino da leitura que se li-

mita a decodificação e memorização de símbolos sem significado para a vida.

Com relação à concepção de leitura dos professores do PROEJA, ensino médio do Curso de Processamento de Carnes, Leite e Vegetais do IF Baiano *Campus* Senhor do Bonfim, constatamos, por meio das respostas do questionário aplicado, que os mesmos trabalham dentro da linha sociointeracionista, pois concebem a leitura como atividade interativa que está relacionada às experiências de vida e que apresenta uma função social. A análise das respostas demonstrou que mais da metade dos professores pesquisados afirmaram desconhecer a proposta de leitura presente no Documento Base do PROEJA, porém chegamos à conclusão de que, mesmo não tendo esse conhecimento, eles trabalham de forma coerente com a proposta do referido documento, uma vez que esta também está focada no sociointeracionismo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

BAKHTIN, Michail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MEC-SEC. *PROEJA: Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: MEC-SEB, 2006.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.